



## A EXPERIÊNCIA ÉTICA DO PENSAMENTO CRÍTICO DIANTE OS DESAFIOS DA PÓS-PANDEMIA

Webert Ribeiro de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo, visam-se analisar os efeitos negativos que o sistema-mundo, formado em 1492, produziu sobre a América Latina envolvendo a condição humana e os recursos naturais. Com isso, a Mãe-Terra, um organismo vivo e poderoso, contra-ataca a humanidade, resultando na contraofensiva dos 95% do reino invisível das bactérias, dos fungos e dos vírus responsáveis pela vitalidade da Terra sobre o ser humano. Assim, abre-se uma nova era geológica, “o antropoceno” como uma etapa de mortes letais em massas. Disso, resulta a necessidade de um novo começo, sendo a ética uma experiência de reflexão acerca do lugar que habitamos (*oikos*- casa e *logos*- reflexão), a nossa condição humana é não neutra por excelência, e nos convida a pensar que não podemos voltar a uma nova normalidade, sendo otimistas do progresso do mundo capitalista neoliberal. Não obstante, a ruptura entre ética e política tem gerado sobre a Terra uma ação catastrófica. Ir à busca de um novo começo é relacionar a inteligência racional com a emocional. Assim, por via de uma epistemologia do Sul, rompe-se com o império cognitivo do centro ou com o eurocentrismo, que produz obliterações sobre os saberes, símbolos, rituais e relatos dos povos oprimidos. Por conseguinte, almeja-se, de modo crítico, um novo começo em um futuro pós-abissal, por via da pluralidade epistemológica da ecologia de saberes dos povos que sabem cuidar da Pacha Mama. Dessa forma, teremos uma verdadeira democracia sobre a Terra.

Palavras chave: Mãe Terra. Ética. Ecologia de saberes.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the negative effects that the world-system formed in 1492 had on Latin America involving the human condition and natural resources. With this, Mother Earth, a living and powerful organism, counterattacks humanity, resulting in the counter-offensive of the 95% of the invisible kingdom of bacteria, fungi and viruses responsible for the vitality of the Earth on the human being. Thus, a new geological era opens, the Anthropocene as a stage of lethal mass deaths. As a result, the need for a new beginning, ethics being an experience of reflection about the place we inhabit (*oikos*- house and *logos*- reflection), our human condition is non-neutral par excellence, and invites us to think that we cannot go back. to a new normality, being optimistic about the progress of the neoliberal capitalist world. Nevertheless, the rupture between ethics and politics has generated a catastrophic action on Earth. Going in search of a new beginning is to relate rational intelligence to emotional intelligence. Thus, through an epistemology of the South, it breaks with the cognitive empire of the center or with Eurocentrism, which produces obliterations on the knowledge, symbols, rituals and reports of oppressed peoples. Therefore, a new beginning in a post-abyssal future is critically sought, through the epistemological plurality of the

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB), Especialização em Filosofia Contemporânea (Faculdade São Bento) e Licenciatura em Filosofia (UESC). E-mail: [webert.oliveira@ifba.edu.br](mailto:webert.oliveira@ifba.edu.br) - [webertfilosofia@yahoo.com.br](mailto:webertfilosofia@yahoo.com.br)

# ARTÍFICES

ecology of knowledge of the peoples who know how to take care of Pacha Mama we will have a true democracy on Earth.

Keywords: Mother Earth. Ethic. Ecology of knowledge.

## 1. INTRODUÇÃO

Estamos em um contexto planetário cuja urgência alterativa de um horizonte ético e crítico faz-se imprescindível diante do desafio insurgente de superação do sistema-mundo<sup>2</sup> com seus efeitos negativos sobre as nossas vidas. Com um breve recorrido a Filosofia da Libertação, de Enrique Dussel, percebe-se a partir da obra “1492: e o encobrimento do Outro”, como que, por via da invasão cultural e da ação violenta do conquistador, produziu-se sobre a América Latina um regime de exploração que envolveu diretamente nossa condição humana e a dos recursos naturais. Os efeitos negativos dessa exploração se encontram na atual etapa capitalista neoliberal. Disso decorre que, no Brasil, 116,8 milhões de pessoas passaram a viver em situação de insegurança alimentar em abril de 2021, sendo que 19 milhões passam fome (insegurança alimentar grave), segundo pesquisa da Rede PENSSAN – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

A vida perpétua, na obra: *Vinte Teses de Política*, de Enrique Dussel, por meio da influência da paz perpétua de Kant, surge como um postulado empiricamente impossível. Assim, para Dussel (2006), há impossibilidade de termos, ao nível do campo ecológico, uma relação perene entre seres vivos com o meio físico natural terrestre. Não obstante, torna-se recomendável uma ação institucional que permita a vida ao planeta terra por via

---

<sup>2</sup> A estratégia, segundo Dussel (1997), que fez a Europa se situar no centro do “Sistema-Mundo”, e se expandir pelo globo são os resultados da política de isolamento do mundo europeu. Este isolamento foi provocado pelos árabes com o fechamento das rotas comerciais com o Ocidente na antiga Constantinopla, originando a Istambul como capital do mundo muçulmano. Não foi por acaso, que tenham sido Portugal e Espanha as primeiras nações a se lançarem na conquista ultramar da América Latina. Disso decorreu a primeira acumulação de capitais banhada com o sangue do índio e a carne dos escravos africanos. Povos inteiros foram submetidos à ambição do capital, cuja finalidade sempre foi a de trocar pessoas por ouro.

# ARTÍFICES

das tensões, almeja-se o consenso diante da necessidade de criação de outro mundo possível. Desse modo, podemos assumir a responsabilidade ética pela utilização dos recursos naturais, e, a partir da factibilidade política, utilizar os recursos de energia renováveis em detrimento da conservação dos recursos não renováveis como o petróleo, gás e os demais metais.

Dessa maneira, faz-se necessária a inovação dos recursos naturais com medidas como reciclagem que se convertam em custos de produção para conseguirmos diminuir os efeitos ecológicos negativos do processo produtivo. Com isso, o valor de uso dos recursos renováveis será assumido com responsabilidade ética e política, tornando a economia um subsistema do ecológico.

## **2. REFLEXÕES DA ÉTICA DA ALTERIDADE E OS DESAFIOS DA PÓS-PANDEMIA.**

Para Leonardo Boff, (2020), nossa contemporaneidade no contexto pandêmico é o resultado de uma nova era geológica, o “antropoceno”, etapa de produção de mortes em massas que tem como expressão mais trágica na produção de vítimas, a fase denominada por “necroceno”. Não temos, diante da urgência de se repensar, alternativas de futuro; senão, assumir o trauma responsivo sobre o crescente número de ataques que a Mãe-Terra, um ser vivo e fecundo que sempre nos alimentou vem sofrendo. Presenciamos, de forma constante, o aumento das catástrofes ambientais, os extremos climáticos e os atuais efeitos que o reino invisível dos 95% dos micro-organismos das bactérias, dos fungos e dos vírus responsáveis pela vitalidade da Terra têm gerado como contra ofensiva diante das agressões humanas ao sistema ecológico, cujos efeitos são as migrações contagiosas de vírus e de bactérias para o organismo de animais e dos seres humanos.

Nesse sentido, a *Encíclica Laudato si-* Sobre o Cuidado da Casa Comum-, do Papa Francisco em uma perspectiva da ecologia integral surge como afirmação de que tudo o que pertence ao nosso planeta está relacionado com tudo. Com isso, é preciso entender a

# ARTÍFICES

ecologia, segundo Ricardo Souza (2004), além da concepção de um ramo específico da ciência, tal como a biologia. A ecologia é o nosso próprio habitar, o lugar, a nossa morada existencial que intrinsecamente nos faz emergir de modo reflexivo diante das questões éticas. Por conseguinte, só podemos pensar na nossa condição humana a partir da Casa Comum cuja dimensão ética, encontra-se nos dias atuais em abalo diante dos óbices produzidos pela estreiteza do sistema capitalista na busca exaustiva pela obtenção de lucros. Por isso, situações catastróficas como a da empresa Mineradora Vale demonstram uma regressiva insensibilidade dos seus administradores. Segundo Ailton Krenak (2020), da tribo indígena Krenak, 272 pessoas foram vitimadas pelo rompimento da barragem de mineração.

Acham que isso é fazer política, coisa que Jesus fez a vida inteira e por isso não morreu de velho na cama, mas na cruz, pois optou pelos pobres e pela libertação do jugo moral e religioso de seu povo. Os 272 balões significando os tragados pela lama traziam a seguinte inscrição: 'Dói demais o jeito que vocês foram embora' essas pessoas foram lançadas ao infinito do céu, onde estão em Deus. (BOFF, 2020, p.42).

O sentido do cuidado é esquecido diante da narrativa do dominador que torna invisível os rostos populares, pessoas que, segundo Ailton Krenak (2020), estão grudadas a Mãe-Terra, um organismo vivo. Estes filhos que sabem escutar a natureza e compreendem que o rio tem o seu próprio sentido, cuja intersubjetividade encontra-se em uma relação além da consciência. Por isso, a diversidade da sapiência popular não tem a sua manifestação cultural reconhecida por aqueles que devoram florestas, montanhas e rios em nome do progresso. Dessa situação foi gerada uma profunda ferida na Terra pela inconsequência política dos agentes capitalistas do lucro.

### **3. A CONDIÇÃO HUMANA E ECOLÓGICA DIANTE DOS DESAFIOS DE SUPERAÇÃO DA PANDEMIA.**

A condição humana, segundo Ricardo Souza (2004), em cada instante de sua existência se revela como um momento não neutro por excelência. Todos os momentos

# ARTÍFICES

do existir conspiram para a afirmação da vida ou de modo negativo para a sua anulação. Desse modo, a ética, como atividade reflexiva, é uma experiência de meditação acerca do lugar que habitamos, da Casa Comum, cujo encontro dos horizontes intersubjetivos é o mundo. Por isso, a ética surge da experiência de sentido que faz um retorno à própria condição humana a partir do seu lugar ecológico (*oikos*- casa e *logos*- reflexão). O agir ético é sempre relacional e, sobretudo, convida-nos a pensar em um momento de reações em face do perigo da COVID-19, com trágicos números que somam 664 mil óbitos no Brasil acumulados até o início de maio de 2022.

Não podemos pensar numa nova normalidade sendo otimistas em relação ao progresso do mundo capitalista neoliberal. Um mundo sob as circunstâncias do pós-pandemia nos exige o reconhecimento de que: “não há questão humana, que não seja uma questão ecológica, assim como não há questão ecológica, que não seja, por sua própria essencialidade *eco-lógica*, também uma questão humana”. (SOUZA, 2004, p.6). Desse modo, a ética não é um ramo da filosofia enquanto a ecologia, um objeto de preocupação da ciência. Mas, trata-se de compreender que a ética é impensável se excluída de seu habitat, sobretudo por ser a atividade reflexiva em uma relação intrínseca com a Mãe-Terra que nos exige, como afirmação da vida, o cuidado do nosso nicho ético-ecológico.

Estamos, cada vez mais, diante da pós-modernidade entendida por Bauman (1997), como uma modernidade sem ilusões, a vida política se encontra nesta situação dissociada de um pensamento fundante, cujo resultado tem sido a formação de códigos morais que expressam uma universalidade ilusória. Por isso, segundo Ricardo Souza (2004), há uma tendência técnica e epistemológica de separação entre o horizonte ético com o da política, o que torna os desafios de construção de um processo civilizatório ainda maior. Não obstante, apenas podemos compreender uma reflexão ética quando a condição humana se manifesta de modo intersubjetivo na vida coletiva e comunitária.

É preciso, em uma situação de pós-pandemia, preocuparmo-nos com a cisão abrupta entre a ética e a política, pois as consequências dessa separação resultam em um estado de agressão, cada vez mais intenso em relação ao nosso lugar ecológico na Terra. Com

# ARTÍFICES

isso, ou cuidamos da natureza com atitudes como o Movimento dos Sem Terra (MST) que, durante a Pandemia da COVID-19, plantou mais de um milhão de árvores em áreas devastadas pelo agronegócio ou estamos fadados a uma “normalidade autodestrutiva”.

O Sistema-Mundo formado em 1492 pela ação global da conquista apresenta, no contexto do capitalismo neoliberal atual, um modelo de progresso técnico forjado na dependência, cujo resultado nos países subdesenvolvidos foi o favorecimento nos negócios de uma restrita classe dominante que, segundo Dussel (1997), impôs a falácia desenvolvimentista a partir do “mito da modernidade”, gerando como consequência o holocausto colonial sobre a população nativa originária e a afro-brasileira. A partir desse sistema formado na desigualdade social, criou-se, segundo Boaventura Souza (2020), uma rigidez aparente de controle e proveito sobre a vida social por via da noção de segurança, tornou-se possível aos favorecidos pelo sistema capitalista se beneficiarem com apólices de seguros, sistema de segurança privado, etc. O Coronavírus revelou a fragilidade de nossa própria humanidade e expôs todo sistema global à constância da morte letal provocada pelo vírus.

Por isso, se pensarmos em um futuro como volta à normalidade, estaremos fadados ao fracasso e ao desrespeito à vida humana das milhares de vítimas mortas por asfixia, cujos familiares e amigos desses entes queridos não puderam sequer realizar o seu velório. Com isso, como porção inteligente desse organismo vivo ao qual pertencemos, precisamos aprender a escutar a voz da sapiência popular que sempre soube se amamentar no seio da Mãe-Terra de forma ecológica, mantendo em equilíbrio sua vitalidade.

‘Buscar um novo começo’ significa que somos desafiados a remontar a Terra, nosso lar, que está viva com uma comunidade de vida única’ (Carta da Terra. Preâmbulo A). Ilusório seria cobrir as feridas da Terra com ‘band-aids’, pensando, assim, curá-la. Temos que revitalizá-la para que ela continue sendo nossa Casa Comum e de todos os viventes. (BOFF, 2020 p. 116).

Ir à busca de um novo começo é articular a inteligência emocional com a racional. O nosso sistema cerebral límbico responsável pelas nossas emoções e proteção representa o nosso *pathos* do cuidado fecundo entre os mamíferos, contrário a uma racionalidade que nos expõe à neurastenia que não tem a vida como fonte de sentido ético. “O coração

# ARTÍFICES

é a dimensão do sentimento profundo, da sensibilidade do amor, da compaixão, da espiritualidade e da ética; vale dizer, dos valores que orientam nossas vidas”. (BOFF, 2020, p. 117). Os protocolos de segurança sanitária são medidas de responsabilidade ética, cuja adoção do isolamento representa um respeito à própria alteridade do Outro.

Assim, entre os desafios da contemporaneidade pós-pandêmica há uma emergência do diálogo sobre a sustentabilidade, cuja relação de mediação não se trata de uma falsa promessa de um equilíbrio ambiental sob o controle empresarial, mas da afirmação da vida como condição ética alternativa em relação à Mãe-Terra, cujo fundamento se encontra no coração, dotado de paixão e de esperança por um futuro melhor.

A América Latina, segundo Leonardo Boff (2017), merece toda a atenção diante da violação do contrato natural quebrado pela própria Modernidade. Há uma disjunção entre a necessidade natural de preservação da Pacha Mama com os caminhos abruptos do contato social, desde Locke, Kant, Hobbes e Rousseau não se incluíam a natureza ou a Terra na relação contratual da humanidade. Nesse sentido, toda humanidade tem o direito de viver na mesma Casa Comum constituindo a democracia comunitária e cósmica. Por isso, entre os novos constitucionalistas ecológicos, destacam-se os países como Bolívia e Equador. A Constituição de Montecristi - República do Equador - de 2008 dispõe em seu artigo 71:

A natureza ou a Pacha Mama, de onde se reproduz e realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência, a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos; toda a pessoa, comunidade, povo ou nacionalidade poderá exigir da autoridade pública o cumprimento dos direitos da natureza [...] o Estado incentivará as pessoas naturais e jurídicas, e aos coletivos, para que protejam a natureza, e promoverá o respeito a todos os elementos que formam um ecossistema. (BOFF, 2017, 128p.).

Em suma, é a partir do contrato de veneração e do respeito pela Mãe-Terra que se deve garantir um meio ambiente equilibrado, saudável e protegido capaz de propiciar uma intervenção harmônica na relação entre o homem e a natureza. Sobretudo, pelo que presenciamos na nossa atual contemporaneidade com a invasão agressora das cidades sobre o meio ambiente, o que torna nossa relação com o futuro imbricada com a dimensão

# ARTÍFICES

ética de responsabilidade diante das mutações, cada vez maiores dos vírus e bactérias sobre animais e vidas humanas.

Com isso, a usura do capital na intensificação da produtividade voltada para o lucro, experimenta os limites da exaustão. Segundo Boff (2017), a partir da ONG Oxfam Intermon, em dados de 2016, 62 plutocratas no mundo detêm mais riqueza do que a metade da humanidade. Ora, se há um sistema que violou todos os preceitos éticos e de solidariedade se comportando sem nenhum sentido de responsabilidade sobre o nosso lugar ecológico foi o sistema do capital e sua manifestação cultural fetichista. “Ele é materialista, concorrencial, individualista e marcado pela *hybris*, pela pretensão de ser a única forma de criar riqueza e organizar a convivência humana”. (BOFF, 2017, p. 134).

As injustiças do capital engendram duas formas agressoras sobre a humanidade, produzindo um intenso nível de irracionalidade sobre a vida do planeta. O primeiro modo de injustiça é a social, gerando altos níveis de desigualdades e insegurança alimentar na totalidade do sistema-mundo. O segundo modo é a injustiça ecológica com a erosão da biodiversidade, desequilíbrios ambientais, e desaparecimentos, segundo Boff (2017), de 27 a 100 mil espécies de seres vivos por ano, seguido dos efeitos do aquecimento global e da escassez de água potável.

## 4. AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL E OS DESAFIOS ALTERNATIVOS DE OUTRO PROCESSO CIVILIZATÓRIO

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente. Em 2018, quando estávamos na iminência de ser assaltados por uma situação nova no Brasil, me perguntaram: ‘Como os índios vão fazer diante disso tudo?’ Eu falei: ‘Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa’. (KRENAK, 2020a, p. 30).

# ARTÍFICES

Encontramo-nos diante de um estado de tensões, cujo único modo de darmos um salto na construção de um processo civilizatório é o reconhecimento de nossa pluralidade cultural. Assim, diante do Outro revelado no rosto indígena, insurge uma alteridade ética que, há mais de 500 anos, luta pela expansão das subjetividades coletivas de um povo, que somam quase 250 etnias que falam 150 dialetos ou línguas. Estas identidades precisam ser reconhecidas nas suas mais distintas diferenças culturais em um Brasil de raízes profundas. Se por um lado, a modernidade ocidental tem uma propensão, segundo Ailton Krenak (2020a), perspectívada por consumir a natureza em outra dimensão, há um movimento cujos arranjos interculturais entre o Norte e Sul mantêm as tensões das diferentes culturas do globo terrestre. Não obstante, são capazes de propiciar um novo ponto de partida popular às epistemologias, a este movimento que Boaventura Souza (2020) denominou de “ecologia de saberes.”

Os povos do Sul com as suas danças, histórias e viagens são parte substancial de nossa dimensão cultural, cuja responsabilidade ética e ecológica é a única maneira de repensarmos a possibilidade de um futuro a partir dos povos que, desde a ação do colonizador na América, a partir de 1492, encontram-se diante da manipulação dos conquistadores por via da violência e da invasão cultural. Com isso, surge o sentido ético de interpelação ao rosto indígena, cujo aspecto autoritário e regressivo se manifestou no cenário político brasileiro, com o crescimento do neofascismo e a vitória eleitoral da ultradireita em 2018, formando um contexto de arbitrariedades do fascismo social.

Os indígenas que, há muito tempo, já se encontram à margem dos seus próprios direitos políticos, segundo Ailton Krenak (2020 a), sobreviveram no século XX, em uma disputa em torno da reconquista dos territórios, cuja manifestação da vida não é marcada pela utilidade do mercado, tampouco pela narrativa do agressor que apresenta uma individualidade competitiva e vazia de sentido, anulando ao Outro diante das narrativas ideológicas do progresso obtido no mundo capitalista neoliberal. Esses efeitos surgem como consequência da hierarquização dos saberes úteis do mercado. Tudo isso gera,

# ARTÍFICES

como consequência, a anulação da sapiência popular analisada por Boaventura de Souza Santos na obra *Epistemologias do Sul(...)*, as identidades surgem como momentos intraculturais ou interculturais representando relações assimétricas de poder.

Assim, os estados da vida política são constituídos por diferentes formas de conhecimento, cada qual com sua validade. No entanto, os pressupostos que fundamentam o multiculturalismo são os efeitos hierárquicos que partem de uma cultura dominante, cujo propósito é muito mais individual do que coletivo. Por conseguinte, as relações interculturais pressupõem o reconhecimento das singularidades, produzindo efeitos de reciprocidade das culturas capazes de reconhecer nas tensões, o enriquecimento mútuo entre as várias culturas como expressão coletiva.

Esse debate, afirma Boaventura (2020), situa-se no horizonte de compreensão das linhas abissais que formaram o direito moderno e o conhecimento ocidental, através da filosofia, da teologia e das ciências modernas, tornando os saberes populares epistemologicamente marginalizados. Em um segundo momento, visa-se analisar como a intervenção do conquistador foi tão violenta ao ponto de suprimir todas as práticas sociais de conhecimento, constituindo o epistemicídio, ou seja, a invisibilidade da sabedoria popular. Assim, sob a justificativa da missão colonizadora que homogeneizou o mundo, obliterando as diferenças culturais e diminuindo as diversidades epistemológicas, culturais e políticas, ela produziu uma sociedade de consumo que não suporta mais exaurir da natureza seus últimos recursos naturais e tem a pandemia de COVID-19 como efeito catastrófico.

Na medida em que sobreviveram, essas experiências e essa diversidade foram submetidas à norma epistemológica dominante: foram definidas (e muitas vezes, acabaram-se auto definindo) como saberes locais e contextuais apenas utilizáveis em duas circunstâncias: como matéria-prima para o avanço do conhecimento científico; como instrumento de governo indireto, inculcado nos povos e práticas dominadas a ilusão credível de serem auto governados. A perda de uma auto referência [sic] genuína não foi apenas uma perda gnosiológica, foi também, e, sobretudo, uma perda ontológica; saberes inferiores próprios de seres inferiores. (SANTOS, 2010, p. 10.)

# ARTÍFICES

A hierarquia dos saberes do contexto social das epistemologias do Sul, de Boaventura Santos(2020), é um modo atento de investigação das narrativas coloniais modernas, convertidas pelo pensamento abissal em axiologicamente neutros, através de práticas colonizadoras que tornam invisíveis a cultura popular. Com isso, nasce novamente a questão de partida: quais as reais possibilidades de obtermos o reconhecimento das culturas, dos valores e dos saberes desses povos que nasceram grudados na Terra, agindo como guardiões, com suas danças, alimentos, rituais e símbolos de resistências conhecidos como saberes do Sul?

A segunda ideia é que a colonização suprimiu as práticas de conhecimentos locais, transformando-as, segundo o pensador português, em conhecimentos alienígenas. Nisso, consistiu o epistemicídio, sob o pretexto da missão civilizatória, a qual procurou, desde o primeiro traçado abissal de Tordesilhas, homogeneizar o mundo, anulando as diferenças culturais. Tal contexto de obliteração cultural produziu efeitos negativos que ressoam em nosso cenário político e educacional através de ações recrudescidas que tornam invisíveis os corpos, a cultura do oprimido e produzem eufemismo sobre a grande devastação ambiental existente no Brasil. O resultado desses entraves tem sido um desperdício de experiência social e redução das diversidades epistemológicas, que no caso latino-americano se convertem em práticas normativas neocoloniais.

Segundo Boaventura Santos (2020), as condições do tempo presentes tornaram as discussões sobre as diferenças culturais e políticas mais profundas, pois o capitalismo global ultrapassa a dimensão social do modo de produção, tornando-se um regime cultural que estende a dominação para além da reprodução econômica da vida, chegando à família, religião e formando os critérios avaliativos do mundo moderno submetidos à narrativa de progresso ilimitado da ciência, que é capaz de salvar sempre a humanidade do perigo do Coronavírus.

Com isso, o único sentido da vida diante do regime político do capital é o bem-estar do consumo entre aqueles que podem gozar dos benefícios e da fluidez do mundo global. Assim, surge o pensamento abissal constituindo-se a partir de um conjunto de

# ARTÍFICES

distinções entre dimensões visíveis e invisíveis, daí resultando que as linhas visíveis demarcam o espaço invisível do outro lado da linha. Os colonizados tornam-se inexistentes e são excluídos de forma radical, permanecendo, segundo Boaventura Santos (2020), exteriores ao universo. O fundamento do pensamento abissal se encontra na impossibilidade de um lado da linha habitar a outra dimensão. Para além da realidade hegemônica, há apenas invisibilidade, inexistência e o não lugar dos saberes do Sul.

## **5. POR UM PENSAMENTO PÓS-ABISSAL E FECUNDO DE UMA ECOLOGIA DE SABERES**

Nesse sentido, diante das tensões que formam entraves políticos e sociais, cuja noção de contemporaneidade necessita ser repensada pelo teor e intensidade dos entraves que a vida humana na sua dimensão ecológica vem enfrentando a sabedoria popular é um horizonte destabilizador capaz de criar novos símbolos culturais, religiosos e políticos de preservação da vida humana na sua relação com o meio ambiente. Aprender a ir ao Sul, e aprender a pensar a partir do Sul, segundo Boaventura Santos (2010), é o maior desafio a todos que tenham o propósito de manter a diversidade cultural, alternativa de saberes ecológicos do planeta Terra. Com isso, faz-se imprescindível a reflexão que há muito mais vida no planeta do que a vida humana; nesse sentido, somos 0,01 da vida que precisa cuidar da nossa continuidade como espécie e do nosso futuro.

A partir desse ciclo de desafios com a pandemia, precisamos emergir das obliterações cognitivas, assumindo outro ponto de partida acerca de nosso futuro. Assim, a dimensão ética de responsabilidade do século XXI começa na pós-pandemia, cujo sentido último de continuarmos existindo é a atitude radical de rompimento com o império cognitivo do centro diante da insurgência das epistemologias do Sul. Desse modo, faz-se imprescindível um breve recorrido hermenêutico à formação política do pensamento “pós-abissal.”

# ARTÍFICES

Em suma, a cartografia entre o Velho Mundo e o Novo Mundo mantém a injustiça social global. Nesse sentido, a luta pela justiça global deve ser também a luta por uma justiça cognitiva que exige um novo pensamento de dimensão pós-abissal, a partir do cosmopolitismo subalterno como um contra movimento de resistência à reprodução do pensamento abissal. Por mais excludentes que sejam as práticas coloniais, pode-se forjar, para Boaventura Santos (2010), uma resistência epistemológica a partir da defesa da justiça cognitiva global, como único fundamento seguro para a justiça social.

As obrigações estatais e constitucionais, em um contexto social do Estado de Exceção no mundo neoliberal latino-americano, estão sendo substituídas por contratos privados e despolitizados. Essa situação tem sido descrita como a ascensão do fascismo. Uma relação de poder completamente desigual age a partir do pressuposto de que o mais forte tem o poder de veto sobre os mais fracos. Entre as formas de fascismo, a destacada por Boaventura é o fascismo social, que reafirma a perspectiva de Thomas Hobbes acerca do estado de natureza, produzindo o contrato social sob duas formas: pós-contratualismo, refletindo nossas condições atuais e históricas, excluindo os cidadãos dos direitos históricos conquistados; e uma forma de fascismo social consistindo no pré-contratualismo, bloqueando o acesso de novos grupos sociais à cidadania.

O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Confrontando a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (SANTOS, 2010, 44p).

Assim, o marxismo é um demonstrativo de concepção pós-abissal, que aspira a transformação revolucionária mediante a emancipação das populações descartáveis do Sul global. Sem o reconhecimento da invisibilidade das epistemologias do Sul, o pensamento crítico continuará sendo pensamento derivativo, reproduzindo as linhas abissais. O pensamento pós-abissal pode ser resumido como um aprender com o Sul, usando uma epistemologia do Sul.

# ARTÍFICES

A primeira condição para um pensamento pós-abissal é a co-presença radical dos saberes ecológicos no mundo, que pressupõe a abolição da guerra e da intolerância seja entre um grego ou bárbaro no século V a. c, um cristão e um judeu na Idade Média, um europeu e um selvagem no Novo Mundo. A ecologia de saberes tem como premissa o reconhecimento da pluralidade epistemológica do mundo. O que constitui o pensamento pós-abissal é o reconhecimento da diversidade sociocultural do mundo diante do desafio de cuidarmos do meio ambiente e do futuro do planeta.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto em que os valores da ciência moderna cumprem os desígnios da ação colonizadora, é proveitoso pensar na ecologia de saberes como intervenção no real e não como mera representação. Com efeito, a construção cognitiva combina-se com o ético-político, e a ecologia de saberes se diferencia da objetividade analítica e da neutralidade política. “A ecologia de saberes enquanto epistemologia pós-abissal, a busca de credibilidade para os conhecimentos não científicos não implica o descrédito do conhecimento científico” (SANTOS, 2010, p. 48). Nessa perspectiva, formam-se os saberes através de desvios das linhas abissais que, para Boaventura Santos (2010), se encontram dentro e fora da modernidade ocidental, sem se desprezar os conhecimentos populares.

“A ecologia de saberes é uma epistemologia desestabilizadora no sentido em que se empenha numa crítica radical da política do possível, sem ceder a uma política impossível”. (SANTOS, 2010, p. 54). Ao contrário, procura-se assimilar a pluralidade das infinitas possibilidades da diversidade democrática e recusa-se, de modo crítico, a forma eurocêntrica da monocultura do saber. Com isso, almeja-se do outro lado da linha outro paradigma civilizatório e intercultural para a humanidade, que nos torne capazes de cuidar do nosso lugar ecológico, do nosso próprio *habitat*.

# ARTÍFICES

A ecologia de saberes constrói horizontes alterativos capazes de intervir no real além da mera representação do conhecimento abstrato. Os saberes contrahegemônicos combinam o cognitivo com o ético e político, e, de modo interno, descentralizam o conhecimento científico e analítico moderno. Assim, é permitido o diálogo do ponto de vista externo com os saberes não científicos. O popular insurge por via do campo cultural prático com seus conhecimentos e resistências subalternas, e em sintonia com o real, aspira-se à construção de relações intersubjetivas capazes de se insurgirem na construção responsável de outro futuro.

## 7. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BOFF, Leonardo. **Covid-19: a mãe Terra contra-ataca a Humanidade: advertências da pandemia**. Petrópolis: Vozes, 2020.

\_\_\_\_\_. **Ética e Espiritualidade: Como Cuidar da Casa Comum**. Petrópolis: Vozes, 2017.

DUSSEL, Enrique. **1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Trad. Jaime A. Clasen. RJ: Petrópolis, Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **20 teses de política**. 1º ed. Buenos Aires: Consejo (CLACSO); São Paulo: Expressão Popular, 2007.

O Brasil que Come alimenta o que tem fome. **ONG Banco de Alimentos**, São Paulo, 25 de Junho 2022. Disponível em: <<https://bancodealimentos.org.br/o-brasil-que-come-alimenta-o-que-tem-fome/>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020 a.

# ARTÍFICES

\_\_\_\_\_ **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina Edições. 2020.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Ética como Fundamento:** Uma Introdução à Ética Contemporânea. São Leopoldo-RS: Ed. Nova Harmonia, 2004.